

ENSINO DE HISTÓRIA E PROJETOS TRANSVERSAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Douglas Orestes Franzen¹

Sumário: 1 INTRODUÇÃO. 2 HISTÓRIA LOCAL. 3 PRÁTICA 01: MORTALIDADE E EXPECTATIVA DE VIDA EM COMUNIDADES RURAIS. 4 PRÁTICA 02: RECEITAS CULINÁRIAS DA VOVÓ. 5 PRÁTICA 03: PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL. 6 CONCLUSÃO. REFERÊNCIAS.

Resumo: Num cenário de reformulação das bases curriculares brasileiras para a educação básica, o ensino de História torna-se um novo desafio para os professores. Como ressignificar práticas, metodologias e didáticas a partir de uma preocupação com a aprendizagem? O texto visa apresentar e contextualizar propostas de ensino a partir da metodologia da História Local. A proposição de metodologias visa a colaborar na discussão da importância do ensino de História na escola pública e principalmente, torna-la simbólica e instigante para os alunos. Entendemos que a História Local representa uma metodologia prazerosa e gratificante tanto na arte de ensinar bem como, na arte de aprender. Para tanto, o texto contextualiza três projetos desenvolvidos em escolas de Ensino Fundamental da rede pública de ensino de Santa Catarina.

Palavras-chave: Ensino. História Local. Ensino Fundamental.

1 INTRODUÇÃO

Contextualizar os desafios atuais do ensino de História é buscar alternativas frente a um cenário de ressignificação das propostas curriculares e das estruturas de ensino vigentes no modelo de educação pública brasileira. Na dinâmica de currículos, educação em tempo integral, contextos de valorização da educação através de políticas públicas, o que se espera da educação básica e da escola é uma postura de protagonismo no processo formativo da sociedade brasileira. A sociedade espera cada vez mais que a escola colabore na formação das novas gerações, e por isso, denota-se a ela uma grande responsabilidade. Nessa perspectiva, entendemos ser de fundamental importância o ensino da História Local, numa ideia de prática e de metodologia de ensino e de significação de realidades sociais locais.

O objetivo do texto é de propor práticas de ensino de História com base em experiências vivenciadas em escolas públicas da rede estadual de ensino de Santa Catarina. Para tanto, apresentamos e conjecturamos três projetos desenvolvidos no Ensino Fundamental de Séries Finais de escolas pertencentes à região de abrangência da Gerência de Educação de Itapiranga, estado de Santa Catarina. São elencadas possibilidades e limitações na prática cotidiana e no desafio de propor uma metodologia de ensino pautada na abordagem da história do local, do bairro, da

¹ Doutor em História pela UPF. Professor da Gerência de Educação/ADR Itapiranga. Professor da FAI Faculdades de Itapiranga. E-mail: douglas_franzen@yahoo.com.br

comunidade e do espaço de vida dos estudantes. Entendemos que essa metodologia cria laços simbólicos do aluno com seu espaço e com a sua história, que se funde a uma história mais abrangente, mas que é genuína, singular e afetiva, sendo assim determinante no processo de aprendizagem.

São propostas reais e experimentadas no chão da sala de aula, com a proposta de ir para além dela, ultrapassar as fronteiras dos muros da escola para inserir-se nos processos de vivência dos alunos, de suas famílias e de suas comunidades. A educação que se defende, e que acreditamos ser cada vez mais necessária, é uma prática que englobe as mais variadas esferas sociais, ultrapassando a noção de isolamento da escola, para levar as práticas de ensino e aprendizagem a espaços que configuram a vida das pessoas no cotidiano. A aprendizagem se torna mais completa quando carregada de significâncias, vinculadas às realidades locais, às vivências, às práticas simbólicas. Nessa proposta, o ensino de História Local abre um campo de possibilidades e obviamente de responsabilidades. Resignificar metodologias diante de novos cenários e novas exigências educacionais são as propostas que se pretende conjecturar nesse texto.

2 HISTÓRIA LOCAL

Propostas de modelos de educação pautados na proximidade das vivências simbólicas dos alunos já são antigas no Brasil, remontam às décadas de 1960 e 1970 quando a temática dos currículos concêntricos já norteava os sistemas de ensino. Esse entendimento parece ter se disseminado e influenciado gerações de padrões curriculares e de metodologias de ensino que percebem nas leituras das realidades dos alunos um alicerce para a aprendizagem.

Nesse sentido, as práticas de ensino voltadas à história do local ganham relevância. Conforme o documento norteador da Base Nacional Curricular Comum, no Ensino Fundamental prioriza-se a construção das noções fundamentais do saber e do trato com processos históricos, por meio do estudo com fontes e documentos, noções de tempo, sujeitos, permanências, mudanças e suas mesclas. Sendo assim,

Realizam-se, simultaneamente, duas ordens de progressão dos conhecimentos, a primeira orientada para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento à comunidade, até a problematização da escala da cidade; e a segunda em que se realiza uma iniciação à história como perspectiva para

se pensar a história da humanidade, a começar pela história das primeiras civilizações. (BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM, 2016, p. 155)

Já a Proposta Curricular de Santa Catarina, organizada por áreas do conhecimento, aborda para as Ciências Humanas a importância da apropriação de conceitos de lugar, paisagem, região, território, natureza, que expressam a dinâmica e a complexidade do espaço geográfico e permitem a compreensão das questões locais e mundiais e a participação da interpretação do lugar. Seria assim, a partir das experiências e das vivências dos sujeitos da aprendizagem que se organizam as atividades que desenvolvem a conscientização histórica. “Desde o início do percurso formativo, é importante que a ação educativa da História seja colocada à disposição dos estudantes para auxiliar a compreensão de suas próprias vivências” (PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA, 2014, p. 146).

A proposta metodológica da prática de ensino da História Local vem de encontro a essas instruções normativas, não porque quer meramente consentir, mas porque se posta como uma forma consistente de ensino e aprendizagem a partir da realidade simbólica dos alunos e do contexto da escola. A aprendizagem e o gosto pelo estudo partem necessariamente dessa compreensão, ou seja, do reconhecimento do aluno de que a sua trajetória, da sua família e da sua comunidade constituem um elemento significativo do que se concebe como história. As vivências locais agem e são interagidas por contextos mais abrangentes.

Conforme Fagundes, que desenvolveu sua tese sobre o tema de ensino de História Local, as temáticas locais poderão vir a se constituir em conteúdos importantes para o processo de ensino-aprendizagem. Conforme o autor,

Não consideramos, entretanto, que tais temáticas se constituam no conteúdo a ser trabalhado, nem que necessariamente todos os trabalhos desenvolvidos em sala de aula devam tomá-las como ponto de partida para estabelecer relações mais amplas. Entendemos, no entanto, que os elementos da história de um pequeno lugar também poderão se tornar conteúdos significativos entre alunos e professores, imbuídos da tarefa de interpretar o mundo no qual vivem e interagem. (FAGUNDES, 2006, p. 141)

Nesse sentido, entendemos como conceito de História Local as análises, leituras, problematizações, conjecturações, relações e estruturações das dinâmicas sócio-históricas das comunidades, geralmente de pequeno e médio porte, que se tornam simbólicas e significativas para as vivências das populações locais. Confunde-se muitas vezes com práticas de História Regional ou até mesmo com Micro História,

mas é genuína e se desenvolve em territorialidades e espacialidades das relações do cotidiano dos grupos sociais. Trata-se de uma leitura das próprias vivências, no nosso caso, dos alunos das escolas de ensino fundamental, quando se identificam com valores culturais, sociais, de trabalho de suas famílias e de sua comunidade em relação a suas processualidades históricas. Crenças, práticas religiosas e simbólicas, técnicas e modos de trabalho, estruturas institucionais e sociais, moradia, saúde, valores de vida e de natureza são campos para o desenvolvimento da História Local.

O consenso na historiografia quanto às novas formas de abordagens, novas problemáticas e novos temas tem suscitado uma oxigenação nos estudos históricos. Os campos e os territórios da historiografia tem se alargado consideravelmente nas últimas décadas e isso acabou influenciando as gerações contemporâneas de historiadores, bem como, influenciou na formação de professores preocupados e abertos a essas novas possibilidades. Conforme Fagundes, a incorporação ao processo de ensino-aprendizagem do cotidiano do aluno e da sociedade na qual ele se insere tem sido uma atitude relevante na busca por novos caminhos. “Para isso, faz-se necessária a incorporação de novas fontes históricas e novos objetos de estudo” (FAGUNDES, 2006, p. 85).

3 PRÁTICA 01: MORTALIDADE E EXPECTATIVA DE VIDA EM COMUNIDADES RURAIS

Entender as taxas de mortalidade e a expectativa de vida nas comunidades rurais oferece uma gama de possibilidades para o estudo da História. Esses dados representam as condições de vida da população, como saúde, qualidade de vida, condições de trabalho, acesso á serviços públicos, alimentação e educação. É através deles que podemos discutir a história dos antepassados dos próprios estudantes e as suas atuais condições de vida, além de oferecer uma leitura interessante do passado, pois se estabelece uma relação entre passado e o presente.

Além do mais, esta atividade exige que o aluno colete os dados e faça uma análise dos mesmos, o que transfere o raciocínio histórico centrado na figura do professor para os estudantes. A prática de fazer o estudante contextualizar o passado é muito importante na disciplina de História. Instrumentalizar práticas através da metodologia de projetos é uma possibilidade consistente na didática da disciplina,

visto que através dela oferece-se a possibilidade da construção do conhecimento através da pesquisa.

É evidente que os estudantes do Ensino Fundamental estão mais limitados na capacidade de analisar os fatos em comparação aos estudantes do Ensino Médio. Mas o reconhecimento e os resultados tendem a ser satisfatórios nos dois níveis de ensino. No Ensino Fundamental as práticas precisam ser mais simbólicas, mas vinculadas a afetividade e à construção de vínculos familiares. Na História, a didática para as sensibilidades se torna uma possibilidade consideravelmente frutífera.

A finalidade do projeto consiste na compreensão dos fatores que influenciavam as taxas de mortalidade e conseqüentemente nas de expectativa de vida no passado. O presente projeto foi posto em prática numa escola onde a grande maioria dos alunos provinha de comunidades rurais, o que torna a ideia ainda mais significativa, visto que a história das comunidades rurais é baseada na ideia dos vínculos familiares rurais, bastante simbólicos e significativos. Essa dinâmica torna-se bastante expressiva diante do cenário contemporâneo das políticas públicas voltadas às escolas rurais brasileiras, onde a lógica da relação custo e benefício diante do número reduzidos de alunos de grande parte das escolas rurais acaba ameaçando a manutenção desses educandários. A forma mais consistente para justificar a existência das escolas do campo é o desenvolvimento de projetos que gerem processos de ensino e aprendizagem que proporcionem uma dinâmica para o contexto educacional local.

Os objetivos da atividade consistem em: Estimular a pesquisa de dados históricos em comunidades rurais; Contextualizar as causas da mortalidade na história da comunidade; Contextualizar o desenvolvimento e os fatores que influenciam na expectativa de vida das pessoas; Analisar aspectos como alimentação, doenças, condições de trabalho, assistência à saúde (hospitais), acesso à informação, políticas públicas, conhecimento popular (chás e tratamentos caseiros), assistência e seguridade social.

Os procedimentos metodológicos remetem a uma perspectiva de aula expositiva para contextualização do tema e realização de atividade de pesquisa pelos alunos. Toda atividade escolar precisa ser bem planejada e explicada para os estudantes, para que tenham consciência dos objetivos e das etapas do projeto. A supervisão do professor é de fundamental importância para formar os grupos de

pesquisa e orientar a coleta dos dados, até porque os estudantes vão sair da escola e se deslocarão para locais de coleta dos dados.

A atividade consiste basicamente no estudo de campo para entender os fatores que eram determinantes para as taxas de mortalidade e de expectativa de vida nas comunidades rurais. Obviamente o contexto socioeconômico onde o projeto será desenvolvido deve ser considerado. Na atividade desenvolvida na referida escola, o projeto foi inserido no currículo de história local. A compreensão do contexto histórico local é determinante para o sucesso da atividade.

A metodologia adotada foi da formação de grupos de pesquisa e os objetivos e as etapas do projeto foram contextualizados em aula. A confecção de um breve roteiro de pesquisa pode ajudar os estudantes. Os grupos deveriam buscar elementos para compreender os fatores determinantes nas taxas de mortalidade na comunidade ao longo de sua história. Diversos elementos podem ser considerados, como questões de mortalidade infantil, doenças comuns, condições de vida e de trabalho, higiene, existência de insetos e bactérias.

Uma atividade que se tornou muito produtiva, foi a pesquisa em túmulos do cemitério local. Cada grupo deve coletar a data de nascimento, a data de falecimento em cada década (1960, 1970, 1980, 1990...), inscrito na lápide do túmulo. O cálculo da idade de falecimento pode ser efetuado em sala. Para facilitar a atividade, sugere-se que somente anotem o mês e o ano, porque o objetivo não é ter precisão nos fatos, mas sim compreensão da conjuntura histórica. Em sala, o professor encaminha os procedimentos de coleta de dados, sugerimos um quadro simples, dividido por décadas, que contenha data de nascimento, data de falecimento e o cálculo da idade de falecimento para fins de estatística de expectativa de vida.

No momento da coleta no cemitério os estudantes irão se sensibilizar com conhecidos ou parentes já falecidos o que é muito interessante, pois estimula a memória e a sensibilidade. Por isso é importante o professor não apressar os alunos, mesmo que esta atividade de coleta exija algumas aulas. Terminada a coleta dos dados, os estudantes voltarão à sala para efetuar a análise dos dados.

Para efetuar esta análise os estudantes devem ter em mãos outra etapa do projeto: a entrevista com pessoas idosas, o que na historiografia conhecemos como história oral. A história oral representa uma ferramenta já legitimada de criação de vínculos simbólicos dos alunos com a disciplina de História e a comunidade que os

cerca. Segundo Ribeiro (2008, p. 100), os alunos “trazem consigo suas histórias pessoais – públicas e privadas. E quanto mais o professor puder se aproximar desse mundo melhor. Melhor para a aprendizagem”. O objetivo desta atividade é de buscar informações com pessoas que viveram nas décadas em questão, para compreender as características da sociedade e ajudar no entendimento dos dados coletados. É importante realizar a maior quantidade possível de entrevistas, quanto mais informação, mais rica será a análise dos dados. Sugere-se o seguinte questionário, lembrando que uma pessoa idosa dificilmente saberá precisar o período histórico, então quando se refere ao passado é bom questionar sobre “antigamente”:

- 1) Quais eram as principais causas de mortes antigamente?
- 2) Por que muitas crianças morriam tão cedo? Havia o teste do pezinho?
- 3) Como eram as condições de gestação e do parto?
- 4) Quais eram as principais doenças que atingiam as crianças?
- 5) Havia tratamentos e acesso a hospitais?
- 6) Quando alguém ficava doente, vocês conheciam tratamentos caseiros para essas doenças? Quais eram esses tratamentos?
- 7) Como era a alimentação antigamente?

O questionário pode ser alterado pelo professor, conforme as características históricas da comunidade. Para a elaboração do relatório (comparação dos dados coletados com as entrevistas) os estudantes devem ter calculado a idade média de falecimento em cada década, obtida através da soma das idades dividido pela quantidade de pessoas falecidas. Nas turmas em que foi efetuado este projeto a expectativa de vida vem aumentando nas últimas décadas e a mortalidade infantil vem decaindo (dado idêntico aos padrões brasileiros).

A elaboração do relatório final sempre deve ter a orientação do professor, pois os adolescentes não possuem plena capacidade de estabelecer relações entre os fatos. Além disso, é importante deixar claro para os estudantes que esta atividade não representa um estudo preciso, afinal de contas, as pessoas enterradas no cemitério não condizem com a totalidade das pessoas falecidas nesta localidade.

A transdisciplinariedade é um fator muito rico para o desenvolvimento desse projeto. Com a Matemática: o professor de Matemática pode auxiliar a efetuar os cálculos com os dados coletados. Com a Informática: Os estudantes podem fazer gráficos e tabelas com os dados coletados, além de digitar o relatório final e pesquisar

sobre doenças na internet. Com a Geografia: Na disciplina se trabalha os fatores de crescimento populacional, diretamente vinculados à expectativa de vida e à mortalidade infantil. É interessante disponibilizar a evolução populacional do município ao longo dos tempos. Com Ciências ou Biologia: o professor desta disciplina pode colaborar com informações sobre doenças, saúde pública e epidemiologia.

4 PRÁTICA 02: RECEITAS CULINÁRIAS DA VOVÓ

Estudar História compreende também comparar gerações e perspectivas visando compreender as mudanças que ocorrem numa estrutura social ao longo dos tempos. Os ensinamentos que as pessoas mais velhas têm para as gerações contemporâneas deve ser um grande foco de estudo para a disciplina histórica. Além do mais, através desta atividade, os estudantes terão a oportunidade de compreender a evolução histórica da sua família, o que pode ser comparado à evolução histórica da humanidade. Ou seja, como ao longo dos tempos as sociedades construíram, ressignificaram e a até mesmo destruíram valores culturais.

No momento em que os estudantes realizam as entrevistas em busca de receitas culinárias feitas pelos seus avós, possibilitamos um momento de aprendizado, além de proporcionar um contato considerado vulnerável na sociedade contemporânea: a troca de informações entre os avós e seus netos e o fortalecimento de vínculos familiares considerados tão necessários para o processo educativo. Além de ensinar a preparar alimentos, a vovó se sentirá orgulhosa em repassar conhecimentos, o que ocasionará uma afetividade entre a vovó e o fruto de sua própria vida, seu neto. Isso porque a entrevista numa perspectiva de história oral, não se limitará a aprender a receita culinária, mas sim, investigar sobre o mundo que circundava esses alimentos em décadas passadas. Enfim, é tornar a história viva, significativa e simbólica.

É importante que o professor contextualize a história da comunidade em que será aplicado o projeto, porque o estudante precisa ter conhecimento acerca daquilo que vai procurar compreender. Se não, será uma pesquisa no vazio e os resultados não serão satisfatórios. Diante das demandas do currículo e dos programas educacionais, a história local acaba sendo afetada na prática pedagógica, gerando um esforço pedagógico a mais que exige dedicação e planejamento. “Fugir” dos

tradicionais temas universalizantes para adentrar em temáticas locais e comunitárias torna-se uma opção de ressignificação das didáticas de ensino. Métodos de ensino tradicionais, calcados em fontes tradicionalmente aceitas, como o livro didático, são na verdade um empecilho para a constituição da prática da história local em sala de aula. Ultrapassar a fronteira do currículo oficialmente disposto remete a um esforço pedagógico por parte do professor, que adentra numa zona de desconforto diante da necessidade de um novo planejamento e da falta de recursos didáticos. A história local é desafiante e exige um esforço metódico por parte do professor

Os objetivos da atividade são sintetizados em possibilitar a interação entre gerações a fim de possibilitar a troca de conhecimento e o fortalecimento de vínculos familiares; resgatar receitas culinárias, valores culturais e conhecimentos historicamente constituídos; compreender os valores culturais e perspectivas de vida de pessoas idosas;

Sugere-se que a sistematização metodológica da atividade seja feita de forma individual pelos estudantes. Num primeiro momento o professor explica do que trata o projeto e quais são os seus objetivos. Quando se trabalha atividades de história local é sempre importante realizar uma contextualização das realidades históricas regionais. O questionário elaborado pelo professor deve ser repassado com algumas instruções sobre como efetuar a entrevista com pessoas idosas. Sugerimos o seguinte questionário, lembrando que uma entrevista é imprevisível e depende da capacidade do entrevistador explorá-la para obter os melhores depoimentos:

- 1) Relate como foi a sua infância? Quais eram as brincadeiras? A escola? O trabalho?
- 2) A adolescência das meninas era diferente da dos meninos? Quais eram as diferenças?
- 3) As meninas eram preparadas para serem donas de casa? Por isso era importante saber cozinhar?
- 4) Você tinha um caderno de receitas? Por que era importante uma mulher saber cozinhar bem? Saber cozinhar era sinônimo de bom casamento?
- 5) A mulher tinha alguma perspectiva de trabalhar e gerar renda, ou seu mundo era o doméstico?
- 6) O que as mulheres e os homens recebiam como “dote” de suas famílias no momento do casamento?

- 7) Você ainda lembra alguma receita que você preparava antigamente? Você pode me ensinar a prepará-la?
- 8) Em que ocasiões era preparado esse alimento?

Como base de desenvolvimento da pesquisa, os alunos deverão buscar junto de seus avós receitas culinárias tradicionais, como pães, bolos, biscoitos, refeições. O objetivo principal é que a receita seja ensinada para os alunos. O vínculo afetivo que se materializa nesse ato é bastante significativo. Através da aprendizagem da receita, o aluno perceber a origem dos ingredientes, a importância da alimentação saudável, o sabor dos alimentos feitos artesanalmente. Enfim, é um mundo que se constitui nessa prática.

O objetivo principal do questionário é trazer informações acerca do estilo de vida das famílias no passado, para que os estudantes compreendam como os tempos mudaram e se resignificaram com o passar das gerações. Nessa entrevista os alunos irão tomar conhecimento de valores de vida, instrumentais e simbólicos, das formas de trabalho e de relações sociais e familiares de seus avós. Essa prática estimula a descoberta de uma processualidade histórica e confronta valores de gerações, o que é um forte indício de aprendizagem histórica e de consciência de seu tempo.

Ao longo da atividade podem ser convidadas pessoas mais idosas para prestarem depoimentos na escola, em formato de mesa redonda ou de seminário, o que se torna uma atividade bastante prazerosa. Para a finalização do projeto sugere-se a realização de um seminário de apresentação das atividades desenvolvidas. Como dica, sugere-se que os alunos tragam nesse dia o alimento confeccionado juntamente com suas avós para promover uma degustação, o que certamente estimulará também novos hábitos alimentares. Cada estudante apresenta os resultados da entrevista, o modo de preparo da receita. Em seguida, vem a degustação.

Numa perspectiva transdisciplinar, podem ser envolvidas outras disciplinas curriculares da escola. Em Língua Portuguesa pode ser trabalhada a produção de textos e a análise da linguagem presente nas entrevistas. Em comunidades de colonização europeia, podem ser trabalhados os dialetos históricos. Em Informática pode ser produzido um vídeo da entrevista e do momento da preparação da receita por parte dos alunos. Os recursos tecnológicos representam uma excelente ferramenta para trabalhar metodologias diferenciadas na disciplina de História.

5 PRÁTICA 03: PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

É imprescindível trabalhar na disciplina de História o patrimônio histórico e cultural. Esta é uma das formas mais práticas de estudar e ensinar a história local. Representa uma análise dos patrimônios históricos e culturais do passado comunitário dos próprios estudantes. Nos locais de vivência dos alunos eles se cristalizam nas mais variadas manifestações, sejam materiais ou imateriais, representados por locais de memória ou por práticas simbólicas. O patrimônio histórico e cultural faz parte do cotidiano de todos nós e se manifesta nas tradições e práticas culturais, nas práticas cívicas e cidadãs, nas edificações e nos espaços de sociabilidade.

Nessa perspectiva,

Pensar no patrimônio cultural é inserir nas discussões históricas, as abordagens da educação patrimonial, a qual contribui para adentrarmos na história regional e local, de forma que possamos participar do processo de reconhecimento, valorização e preservação das identidades que são representadas pelo patrimônio. A preservação da memória, entendida aqui como elemento essencial para a valorização da identidade e da cidadania cultural em determinado lugar e situada num determinado tempo histórico contribui para a percepção do que fica registrado por diferentes grupos culturais acerca dos diferentes elementos patrimoniais. (ZARBATO; SANTOS, 2015, p. 64)

O patrimônio histórico e cultural não se apresenta somente na condição material (casas, monumentos, edifícios,...), mas também no aspecto imaterial (linguagens, costumes, tradições, rituais). Na compreensão do IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Patrimônio Cultural Imaterial representa as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um

sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Já o Patrimônio Cultural Material, na perspectiva do IPHAN, é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como os cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

Os objetivos da atividade são de incentivar a preservação do patrimônio histórico e cultural; incrementar o raciocínio histórico regional; valorizar a cultura histórica local; instigar a pesquisa e a escrita nos estudantes da educação básica; promover atividades de ensino e aprendizagem voltadas para a história local.

Como procedimento metodológico o primeiro passo é trabalhar com os estudantes alguns conceitos relativos à questão do patrimônio histórico e cultural, como por exemplo, o que é tombamento, patrimônio material e não-material. A base de conhecimento acerca de patrimônio histórico e cultural é essencial para o bom andamento do projeto. É interessante fazer um levantamento e até mesmo pequenos passeios para identificar juntamente com os alunos o patrimônio histórico do local em que vivem.

Na contextualização dos temas relativos ao patrimônio histórico e cultural é importante se vislumbrar o conceito de memória e seu vínculo com o tema e a forma como ele se cristaliza nas relações sociais.

A memória é um dos aspectos marcantes da condição humana. Conforme Tedesco (2011), a memória nos liga e nos vincula com os tempos, identifica e registra nossa existência, transmigra conosco. Sem memória talvez não fôssemos seres humanos, pois a linguagem, os hábitos, a identidade e o grupo social com o qual convivemos estão diretamente ligados a este condicionante.

Guardamos na memória nossos costumes, nossos códigos de linguagem, lembramos que pertencemos a uma comunidade e uma família, lembramos que temos um passado, uma trajetória de vida. Para alimentarmos nossa memória, criamos rituais para lembrarmos dos fatos do passado. Frequentamos museus, vemos fotografias e imagens, guardamos objetos pessoais e simbologias.

A memória tem um vínculo direto com a proposta do patrimônio histórico e cultural. Nessa perspectiva, é importante o professor criar vínculos e contextualizações, problematizando as práticas da memória através do patrimônio e como ela se manifesta em políticas oficiais, através dos monumentos e dos símbolos nacionais, bem como, se manifesta nas relações comunitárias e sociais através de prática do cotidiano.

Para tanto, o ensino de História Local deve estar atento às práticas da memória, seja pela contextualização das formas como ela se cristaliza nas relações sociais ou até mesmo como ela pode ser negligenciada e esquecida. O exercício do esquecimento das práticas de memória também é um aspecto que deve ser problematizado, porque os grupos sociais configuram relações de memória com base num jogo de forças, naquilo que deve ser lembrado e naquilo que deve ser esquecido. O patrimônio histórico e cultural tem um vínculo direto com essa perspectiva, pois materializa a memória, a torna presente e viva nas relações do cotidiano. Os locais de memória necessitam de uma compreensão e de uma contextualização, e principalmente, diferenciados da ideia de patrimônio material. Patrimônio e locais de memória são coisas distintas que no senso comum podem ser confundidas.

O projeto trata-se basicamente da análise a proposta de preservação do patrimônio histórico e cultural presente no espaço de vivência dos estudantes. Nas comunidades, nos espaços da cidade, no próprio espaço escolar se cristalizam variadas manifestações patrimoniais. Alguns são de caráter governamental, como monumentos oficiais e símbolos comemorativos, outros são genuínos das próprias comunidades onde se celebram comemorações festivas, cultos religiosos, celebrações, manifestações da arte e da tradição. O patrimônio pode ser reconhecido e oficializado na forma de lei ou até mesmo ser legitimado pela prática social. Diversas problematizações podem ser constituídas, tais como, o caráter da identidade por exemplo. Até que ponto a comunidade se identifica com determinado patrimônio, ele é legítimo, quais contextos culturais e sociais ele representa? Existem padrões culturais e sociais que não possuem representatividade patrimonial material? Qual é a lógica das estruturas sociais de poder que se manifestam nas práticas do patrimônio histórico e cultural?

Conforme Santos,

A seleção dos bens que compõem a narrativa sobre patrimônio não é feita de forma aleatória ou realizada a partir de valores que partem dos próprios bens, visto que estes não possuem em si mesmos nem identidade nem cultura. Os sentidos simbólicos do patrimônio cultural são instituídos por grupos sociais com interesses específicos e informam sobre quais bens e valores devem ser preservados, alterando-se de acordo com o contexto histórico de criação e seleção do patrimônio histórico cultural. (2012, p. 195)

Certamente um grande potencial inerente ao tema é a questão da educação patrimonial. Essa perspectiva é significativa para a prática de aprendizagem, pois colabora na formação de uma consciência sobre a historicidade, das responsabilidades de cada um pelo patrimônio público e coletivo. A educação patrimonial está imbuída de um potencial de conscientização, que vai desde a noção de pertencimento e de identidade, até a questão da responsabilidade cidadã e de solidariedade coletiva.

Para o desenvolvimento do projeto é necessário primeiramente uma interpretação junto aos alunos do que se trata a ideia do patrimônio histórico e cultural. A partir dessa conscientização é que se parte para a segunda etapa que é a do mapeamento das manifestações patrimoniais da comunidade ou da cidade. Pela experiência vivenciada, percebemos que grande parte dos alunos não tem uma noção clara sobre a questão patrimonial, por isso se torna importante a contextualização e a conceituação desse tema. Por isso sugere-se o mapeamento dos patrimônios a serem estudados, materiais e não materiais. Como proposta, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 01: Sugestão de elaboração de um mapeamento do patrimônio

Patrimônio material	Patrimônio não-material
Igrejas	Linguagens e dialetos
Sociedades comunitárias	Grupos de dança
Escolas	Brincadeiras infantis
Monumentos históricos	Churrasco e chimarrão
Edifícios históricos	Receitas culinárias

Estas são apenas algumas sugestões, cabe ao professor analisar a conjuntura histórica dos estudantes para incluir ou excluir alguns itens. Quanto a questão das linguagens, em determinados locais se fala dialetos da língua alemã, italiana e polaca, como na região de Itapiranga-SC, em que se fala o dialeto alemão *Hunsrück*, que é

uma fonte rica de pesquisa e compreensão das manifestações do patrimônio imaterial local.

Sugere-se que não se forme grupos muito numerosos e para cada equipe se distribua dois patrimônios, um material e outro imaterial. O professor deve repassar todas as etapas do trabalho, para que os estudantes tenham uma trajetória por seguir.

Atividades a serem desenvolvidas:

- Conhecer o patrimônio e fazer uma descrição do mesmo: Estado de conservação; Como é valorizado pela comunidade; Localização (para patrimônio material); Como é preservado e cultivado;
- Por que seria importante tombare esse patrimônio (Justificativa e objetivos)
- Atitudes que podem ser tomadas pela comunidade para conservar esse patrimônio;
- Entrevistar pessoas que possam dar depoimentos sobre esse patrimônio.
- Tirar fotografias e fazer filmagens

Depois de efetuada esta pesquisa de campo, o relatório final será elaborado em sala de aula e, dependendo dos resultados obtidos, não é ousadia demais pensar num real projeto de tombamento do patrimônio ou até mesmo encaminhar uma moção pública aos poderes executivo e legislativo do município. Para colaborar nas discussões sobre patrimônio histórico, sugerem-se os documentários “História” produzidos pela TV Escola narrando a história de algumas capitais brasileiras. Estes documentários devem estar disponíveis na cinemateca das escolas públicas.

6 CONCLUSÃO

Práticas pedagógicas, metodologias e didáticas de ensino são preocupações recorrentes dos professores. Diante das práticas que se tornam cotidianas na rotina da escola, o professor muitas vezes se vê imobilizado pela carga horária intensa e pela limitação pedagógica planejada. Assim, a repetição das práticas de ensino acaba por se tornar uma realidade muito conhecida no ambiente escolar. Dessa forma, socializar experiências de ensino em escolas de Ensino Fundamental pretende colaborar na ressignificação de metodologias e didáticas.

Entendemos que a possibilidade de compartilhar vivências de projetos que deram certos e que renderam bons frutos na aprendizagem dos alunos é significativo.

Nesse sentido, a proposta do texto era de apresentar e contextualizar experiências vivenciadas na disciplina de História em escolas de Ensino Fundamental tendo como base a metodologia da História Local. Essa proposta visa promover um ensino mais voltado para o contexto do aluno, seus vínculos sociais e comunitários, suas vivências familiares, seus padrões culturais e principalmente, sua identidade com a processualidade histórica.

Muitas vezes, diante do marasmo da falta de alternativas para tornar a processo escolar mais significativo para o aluno, se busca a inserção de projetos e metodologias que acabam por ocasionar danos de aprendizagem significativos. Como tornar o ensino de História mais prazeroso para o professor e para o aluno? Essa questão parece nostálgica, mas consideramos ser a base do processo educativo. Não há aprendizagem sem vínculo de prazer e de realização pessoal. A metodologia da História Local tem muito a colaborar nesse sentido, sem obviamente perder de vista o currículo e os temas globalizantes. É possível trabalhar com projetos de pesquisa voltados às realidades locais, envolvendo as demais disciplinas curriculares da escola, seja através da ideia dos temas geradores ou de projetos por áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM. Proposta Preliminar. Ministério da Educação-Consed-Undime, 2016.

FAGUNDES, José Evangelista. **A história local e seu lugar na história**: histórias ensinadas em Ceará/Mirim. 194 p. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFRN, 2006.

IPHAN – Instituto do Patrimônio História e Artística Nacional. **Patrimônio Material**. Retirado do Site: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276/>. Acesso em 13/09/2016

IPHAN – Instituto do Patrimônio História e Artística Nacional. **Patrimônio Imaterial**. Retirado do Site: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276/>. Acesso em 13/09/2016

PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA: formação integral na educação básica. Estado de Santa Catarina/Secretaria de Estado da Educação, 2014.

RIBEIRO, Suzana Salgado. História oral na escola: instrumento para o ensino de História. **Revista Oralidades**, n. 4, p. 99-109, 2008.

SANTOS, Giovana Aparecida dos. Poder e patrimônio histórico: possibilidades de diálogos entre Educação Histórica e Educação Patrimonial no Ensino Médio. In: **Revista Entrever**. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 188-205, jan./jun, 2012.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces**: introdução a uma análise sócio-histórica da memória. 1. ed. Porto Alegre e Passo Fundo: Letra & Vida; UPF Editora e Editora Unoesc, 2011.

ZARBATTO, Jaqueline; SANTOS, Caio dos. Memória e patrimônio na aula de História: o uso do monumento histórico-cultural na aprendizagem histórica. In: **Fronteiras Revista de História**, v. 17, nº 30, p.64-79, 2015.